

oglobo.globo.com

Seis sinais de que a recuperação da economia no quarto trimestre será lenta

Cássia Almeida

7-9 minutos

Exclusivo para Assinantes

Ritmo de expansão nos últimos meses de 2020 pode não ser suficiente para compensar as perdas no ano

03/12/2020 - 08:04 / Atualizado em 03/12/2020 - 10:53



Economia: potencial recuperação lenta no quarto trimestre

Foto: Pixabay

RIO — O avanço que a economia brasileira registrou no terceiro trimestre não deve se repetir no quarto. Depois de um

crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) de 7,7% entre julho e setembro, a previsão é de uma alta mais tímida, de 2,2% segundo previsões da Fundação Getulio Vargas (FGV).

Analítico: [PIB revela a dificuldade de o Brasil ganhar ritmo de jogo](#)

Caso a projeção se confirme, este ritmo de expansão não será suficiente para compensar as perdas que o país registrou neste ano, marcado pela pandemia. Veja seis motivos que podem frear o ritmo de recuperação da economia no fim do ano.

Recuperação: [Vacina ditará ritmo de recuperação econômica dos países, dizem especialistas](#)

1) Aumento de casos de Covid-19



Testagem de Covid-19: o vírus avança Foto: Gabriel Monteiro / Agência O Globo

Com o aumento do número de casos, a rede pública de saúde no Rio já está em colapso, segundo diagnóstico de grupo de estudos da Fiocruz que monitora a pandemia. Em São Paulo, os hospitais também começam a alcançar a capacidade

máxima nas UTIs.

Saiba mais: [Com ameaça de segunda onda de Covid, empresas ampliam testes em até 40%](#)

O avanço da pandemia pode levar a novas medidas de isolamento social para conter a escalada de casos. Durante o segundo trimestre, o país chegou a registrar cerca de 1.300 mortes por dia. Posteriormente, esse número caiu para menos de 500, mas agora as mortes já estão novamente acima deste patamar.

Uma segunda onda de Covid ou um repique da primeira pode inibir o consumo imediato, por medo de contágio, mesmo que o comércio permaneça aberto. Além disso, o medo de piora no cenário pode fazer o consumidor ser mais cauteloso nas compras de fim de ano.

2) Desemprego em alta



Carteira de trabalho: desemprego sobe Foto: Arquivo

Em seis meses, 3,6 milhões de trabalhadores ficaram sem emprego. Atualmente, 14% dos trabalhadores estão

desempregados, e a expectativa dos especialistas é que esse número suba ainda mais, podendo fechar o ano acima de 15%.

Veja: [Número de desempregados salta 36% em seis meses na pandemia](#)

A principal renda das famílias vem do trabalho, que responde por 70% do orçamento. Com isso, as famílias ficam com menos recursos para consumir, diminuindo o potencial de recuperação. Num círculo vicioso, a lenta reação gera menos emprego.

3) Comércio, indústria e serviços mais devagar



Comércio a passos lentos com crise Foto: Arquivo

Indicadores econômicos do quarto trimestre e do fim do terceiro já mostram a economia andando mais devagar.

Luana Miranda, economista da FGV, compilou os principais índices usados na hora de calcular o PIB e todos, sem exceção, estão menores.

Analítico: [Emprego formal e informal traçam paralelas que podem se encontrar](#)

A produção de papelão ondulado, altamente beneficiada pelo aumento do uso de embalagens com o comércio eletrônico, caiu 2% em outubro, após quatro meses seguidos de alta.

O fluxo de veículos pesados nas estradas ficou estagnado em 0,2% em outubro, depois de aumentar 2,7% em setembro. A fabricação de carros, que subira 10,9% em setembro, só cresceu 1,7% no mês seguinte.

Até a indústria, que vinha surpreendendo e já estava produzindo mais que antes da pandemia, perdeu velocidade:

— Houve uma desaceleração generalizada na indústria — afirma Luana.

4) Auxílio pela metade



Fila em frente a uma agência da Caixa para recebimento do auxílio emergencial Foto: Agência O Globo

Em setembro, o governo cortou pela metade o valor do auxílio emergencial pago a mais de 65 milhões de pessoas. O valor caiu de R\$ 600 para R\$ 300, e não há indicação de que o benefício será mantido no próximo ano.

Segundo Luana, da FGV, sempre há defasagem no pagamento do auxílio, e os reflexos da redução só devem aparecer nos meses finais de 2020. Mas a perspectiva de fim da ajuda já deve conter o consumo e, por consequência, a atividade econômica:

Auxílio: [Equipe econômica descarta risco de isolamento social e aposta que prorrogação não será necessária](#)

— Não ter perspectiva do que vai acontecer já reduz o ímpeto de consumo. E isso piora quando se junta à preocupação com o desemprego.

O consumo é quem lidera o movimento de reação logo depois de uma recessão. Com esses obstáculos, o principal componente do PIB, o consumo das famílias, vai se recuperando mais devagar.

5) Inflação



Preço dos alimentos ajuda a corroer o orçamento familiar Foto: Ana Branco / Agência O Globo

Bancos e consultorias já estão prevendo inflação acima do

centro da meta, de 4%, este ano, após a Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) ter fixado bandeira tarifária vermelha nível dois já neste mês.

A cobrança extra na conta de luz foi anunciada em razão do nível baixo nos reservatórios, o que leva o governo a acionar as termelétricas, que têm custo mais alto. Com isso, o consumidor terá de pagar R\$ 6,24 a cada cem quilowatts-hora.

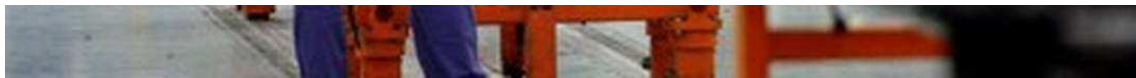
IBGE: [Entre os mais pobres, mais de 40% da renda das famílias não vêm do dinheiro](#)

A alta da energia é um componente a mais em uma inflação que já sentia o impacto da subida dos alimentos. No ano até outubro, os alimentos acumulavam alta de 12%. Algumas previsões indicam que estes produtos podem encerrar 2020 com um aumento de até 18%.

A inflação corrói o poder de compra das famílias, que já estão com orçamento pressionado em um ano de crise. O cenário se torna mais complicado no momento de redução do auxílio emergencial e em que o mercado de trabalho ainda dá sinais de fragilidade.

6) Incerteza e investimentos





Indústria sofre com incerteza Foto: ROBSON FERNANDJES / AE

A dívida pública brasileira caminha para responder por mais de 100% do PIB, o que significa mais de R\$ 7 trilhões. Os gastos para combater a pandemia e com o auxílio emergencial fizeram a dívida subir, e o governo ainda não apresentou qualquer plano para estabilizá-la:

— Isso gera incerteza e é péssimo para os investimentos — afirma Luana Miranda.

Saída: [Brasil vive fuga recorde de investidores estrangeiros, e questão ambiental pode piorar quadro](#)

No segundo trimestre, a queda nos investimentos foi de 15,4% e, diante das incertezas, a expectativa é que não se recuperem totalmente este ano, segundo a economista.